

A Questão Social

"Ao **indivíduo** podemos ajudar, dando-lhe um pedaço de pão. A um **todo** poderemos ajudar a obter o seu pão, se o despertarmos para uma visão do homem e do mundo."

Dedicado aos jovens que participaram do Congresso Latino-Americano de Jovens, organizado pela Comunidade de Cristãos, em 1989.

E aos participantes dos Congressos Internacionais de Jovens, inspirados pela Antroposofia, nos quais participei em 1982 e 1988, na Alemanha e na Finlândia.

E as pessoas da favela que me deixaram participar das suas vidas e, assim, compreendê-las cada vez melhor.

Ute Craemer

Introdução

A meu ver a motivação para qualquer trabalho depende do desenvolvimento interior da pessoa; parcialmente esse caminho é consciente, e, parcialmente, subconsciente. A motivação se desenvolve e se enriquece conforme nós nos desenvolvemos e nos enriquecemos interiormente. Um trabalho social executado aos vinte anos de idade poderia basear-se numa motivação menos ampla. Depois de uns vinte anos de atividade, no campo social, a pessoas enfrenta seu trabalho com mais clareza e compreensão.

Quando eu era pequena vivi em alguns países pobres, no Paquistão, na Iugoslávia e no Egito. Sendo criança, só experimentava, não refletia. Mais tarde, quando comecei a pensar e me conscientizar daquilo que tinha visto e vivido, modifiquei a minha atitude. Lembrava dos refugiados que dormiam nas ruas da cidade de Karachi, dos mendigos do Egito, e daquele bando de meninos egípcios com pedras para nos jogar, gritando "inglesi, inglesi". Aí me perguntei porque tudo isso existia e comecei a ler sobre os chamados países do terceiro mundo. Mas não pretendia somente ler, mas fazer alguma coisa. Resolvi dar dois anos da minha vida para ajudar a um país do terceiro mundo, e o destino me trouxe ao Brasil. Trabalhei dois anos em uma favela em Londrina. Naquela época a minha motivação era mais política. Achei que os países subdesenvolvidos deveriam adquirir sua independência nacional e econômica, e desejava ajudar um pouco a realizar esse objetivo.

Retornei a Alemanha, fiz um curso de pedagogia antroposófica e voltei ao Brasil para lecionar na Escola Waldorf de São Paulo. A motivação para o trabalho na favela Monte Azul não partiu só da minha vontade de ajudar as crianças da favela, mas, em grande parte, também dos meus alunos da Escola Rudolf Steiner, crianças de famílias das classes mais altas. Os meus alunos, eu senti, precisavam se integrar mais na realidade do Brasil, naquela realidade de pessoas das quais eu gostava bastante, mas que eles, muitas vezes, encaravam com suspeita e desconfiança. Também achava que esses meus alunos deveriam contribuir com algo e desenvolver suas próprias capacidades sociais. Não parei de pensar sobre isso.

Certo dia conversei com a mãe de um aluno sobre o Brasil e sobre meus alunos. Já estávamos na rua, no portão, quando ela me disse: "Seria bom se pudéssemos trazer umas crianças da favela aqui na minha casa, brincar com elas e ensinar-lhes umas coisinhas." E eu disse: "É sim, seria ótimo, mas é complicado. Pense só no ambiente tão diferente." E ficou nisso.

Mas dentro de mim a idéia não se perdeu, ficou crescendo. Comecei a conhecer melhor as crianças da favela Monte Azul que naquela época - 1974 - ainda não tinha asfalto; era uma lamaceira desgraçada. Levava algumas crianças à Escola Waldorf para as festas de São João os teatros de Natal.

Finalmente, em 1975, comecei a juntar as duas coisas que almejava: de um lado, ajudar aos meus alunos a se integrarem mais no Brasil e a desenvolverem habilidades sociais, e, de outro lado, ajudar as crianças da favela a se desenvolverem melhor. Organizamos, semanalmente, tardes recreativas. O auge sempre eram as festas como Páscoa, São João e Natal, quando se tentava transmitir às crianças, além da alegria, um conteúdo espiritual. A iniciativa cresceu de tal forma que, em 1979, foi construído, num terreno da Prefeitura, um barracão - a Escolinha - e fundada a Associação Comunitária Monte Azul.

No momento atual, em duas favelas são atendidas mais de quinhentas crianças, nas creches, jardins de infância e centro de juventude, contando-se também com oficinas de marcenaria e tecelagem e com uma padaria.

Criamos um trabalho de adultos com aulas noturnas, aconselhamento jurídico e social, teatro, reuniões, mutirões, artesanato, etc, e um trabalho de saúde cujo centro é um ambulatório construído em sistema de mutirão, em 1979, e depois reconstruído em 1985.

O trabalho é desenvolvido por 90 colaboradores, dois terços provenientes da favela, e se baseia na visão do homem e do mundo, de acordo com a Ciência Espiritual da Antroposofia, elaborada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, que procura englobar os três aspectos do ser humano e do mundo- o físico- material, o psíquico-social e o espiritual.

Ute Craemer
Professora Waldorf

História das Favelas

Para se compreender a existência das favelas é necessário retornar a algumas grandes linhas da história desse país.

O Brasil descoberto por aventureiros portugueses no início do século XVI , repetiu o destino de outras colônias de Portugal. A fim de povoá-lo e colonizá-lo. Encontraram no cultivo da cana de açúcar o meio para tomar posse efetiva da terra, ao mesmo tempo em que este produto, altamente cotado, abastecia o mercado europeu. A monocultura do açúcar só foi possível graças a mão de obra escrava, importada da África. Esse período, caracterizado pelos grandes latifúndios, cujos senhores foram responsáveis pelo massacre e tortura de milhares de negros, vai do século XVI até o XVII .

Na segunda metade do século XVII, a produção açucareira sofreu um grande abalo, graças ao surgimento de áreas concorrentes, criadas pelos holandeses que, tendo invadido a costa brasileira, tiraram disso a experiência suficiente para montarem seu próprio comércio.

A descoberta das minas de ouro coincidiu com a crise do açúcar e promoveu grandes transformações na sociedade colonial. No século XVIII, o centro econômico do país passou a ser a região de Minas Gerais. Com o extrativismo mineral, sob o domínio da Coroa Portuguesa, surgiram novos grupos sociais com funções distintas daquelas desempenhadas pelos senhores e escravos. Como para a extração de minérios não se fazia necessário o investimento de capital, alguns aventureiros conseguiram fazer fortuna.

Nesse período, começou a se formar a elite intelectual, com jovens (descendentes) que cursavam faculdades no exterior. Iniciou-se também a formação de vilas e cidades, com a conseqüente aparição da camada média urbana: comerciantes, clérigos, literatos, etc. Nos núcleos de povoamento, perto das minas, moravam os escravos que se dedicavam à extração do ouro. Continuou sendo esta a classe mais explorada. As condições de vida eram ainda piores que nos canaviais: a vida útil variava de 2 a 5 anos.

Se no ciclo da cana, o poder se manifestava através da ostentação do luxo, no ciclo da mineração ele foi substituído pela ostentação do saber.

Mais de 3 séculos de escravidão geraram aversão ao trabalho manual que era considerado trabalho escravo.

No apogeu do ciclo do ouro nas Minas Gerais, os artistas emergentes, que produziam o barroco brasileiro, eram negros ou descendentes destes. Exerciam profissões consideradas humilhantes pelo branco: carpinteiros, sapateiros; e desenvolveram a partir daí a pintura e escultura. Durante o período da mineração, a agricultura tem uma expressão menor dentro da economia nacional. Somente a partir da primeira metade do século XIX, o café vai se tornar o principal produto da exportação.

Em 1861 a balança comercial brasileira apresentava superávits, apesar do crescimento do volume das importações, agora também mais diversificadas. Além de produtos de consumo, importava-se também máquinas para a agricultura e para as primeiras indústrias que começavam a surgir. O setor de transportes absorvia também grande parte das importações, especialmente para a construção de ferrovias que facilitavam o escoamento da produção cafeeira até os portos.

Apesar do crescimento econômico, registrado após 1860, o montante de empréstimos contraídos no exterior não diminuiu.

Até 1861, os empréstimos destinaram-se a cobrir o déficit da balança comercial e efetuou o pagamento de dívidas contraídas no período anterior de crise econômica. Assim, os recursos para investimentos internos tiveram que ser buscados no exterior, dificultando a acumulação de capital no país. A Inglaterra foi a principal fonte de importações, seguida pela Alemanha, França e Estados Unidos.

O ponto de partida da expansão cafeeira foi o litoral do Rio de Janeiro, encontrando porém solo ideal no Vale do Paraíba (São Paulo e Rio de Janeiro) e no oeste paulista.

Um dos principais problemas da economia cafeeira foi a mão de obra. Com a proibição do tráfico dos negros, pelas leis inglesas, a mão de obra escrava começava a escassear. Para a Inglaterra interessava que os países periféricos tivessem mão de obra assalariada, devido a expansão da economia capitalista e a conseqüente formação de um mercado consumidor. Isso provocou uma pressão dos cafeicultores para que o governo promovesse a imigração européia.

Coincide com este período, um surto industrial (1850 – 1870) – não existiam ainda as condições para uma industrialização efetiva no país.

Alguns fatores propiciaram á burguesia cafeeira investir em novos empreendimentos:

1. o fim do tráfico negreiro – os capitais, até então investidos no comércio de escravos, passavam a ser aplicados na lavoura e nas indústrias emergentes;

2. as transformações ocorridas na estrutura da sociedade brasileira – nesse momento, começava a se formar um mercado interno, resultado da expansão cafeeira e do número de trabalhadores assalariados;
3. o excedente da mão de obra, constituído por ex escravos e imigrantes, originou o proletariado urbano, nos períodos de crises da economia cafeeira;
4. a ilusão de tornar o país economicamente livre dos bancos estrangeiros, o que não se realizou.

Desenvolveu-se, então, uma indústria voltada para os bens de consumo que requeriam tecnologia mais simples e menor volume de capital. Mas um setor de bens de produção (máquinas e equipamentos), que livrasse o país das importações, não se desenvolveu.

A oligarquia patronal explorava brutalmente o trabalhador humilde que se encontrava em abundância no país. O número de trabalhadores especializados era reduzidíssimo. Não existiam leis de proteção ao trabalho e assistencial social, e a mão de obra era muito barata. Para a difícil questão de sobrevivência as mulheres e crianças precisavam se deslocar da vida familiar para a produção, a fim de aumentar a renda. Os operários eram obrigados a fazer horas extras e biscates, e muitos ainda, tiveram de construir suas próprias casas e barracos, já que os salários não permitiam o pagamento de aluguéis em moradias dignas.

Ao aumento dessa população trabalhadora seguiu-se um espaço urbano bastante limitado. As moradias eram poucas, o que fez surgir as primeiras habitações coletivas. Por habitação coletiva, entendia-se aquela num mesmo terreno, ou sob o mesmo teto, abrigava famílias distintas. Dentro dessa categoria eram classificados os cortiços, as estalagens, as vilas operárias. Elas começaram a surgir no Rio de Janeiro, a partir da segunda metade do século XIX. Numa cidade onde a vida urbana era muito concentrada, e que dispunha de meios de transportes precários e caros, viver próximo ao centro era fundamental. Por outro lado, houve a valorização dos terrenos e casas, devido ao crescimento urbano, aumentando assim os preços dos aluguéis e terrenos, o que leva o trabalhador a viver nas precárias habitações coletivas. Eram elas, antigos casarões de gente rica que se mudava para as zonas mais afastadas.

Foram transformadas em pequenos cômodos e alugados por um preço menor, em relação a uma moradia individual.

A proliferação dos cortiços e a conseqüente piora das condições de higiene e saúde provocaram epidemias que ameaçavam toda a cidade.

Isso fez com que se tomassem medidas no sentido de limitar a expansão dessas moradias, na zona central da cidade. Além disso, a reorganização do espaço urbano era uma exigência do crescimento econômico do país. Inúmeras ruas e avenidas foram rasgadas na área central, acarretando a demolição de muitos cortiços. A burguesia colonizada coube às melhores áreas da cidade, localizadas no centro, seguindo os padrões de civilização do modelo europeu. Para os operários, restou a zona deteriorada - o subúrbio.

Condenados à morte os cortiços foram sendo destruídos e seus moradores obrigados a procurar uma nova alternativa de habitação.

Assim surgiram as favelas que expressam a crise de moradia nas cidades em processo de transformação industrial.

Como no Rio de Janeiro, São Paulo- a segunda maior cidade da América Latina- abriga favelas. O mesmo fenômeno da industrialização, iniciado no Rio de Janeiro, se dá em São Paulo.

Os grandes latifúndios e as tentativas sempre frustradas de uma reforma agrária que possibilite a fixação do homem na terra promovem o êxodo rural. Iludidos pela promessa da cidade grande, os roceiros, trabalhadores do campo, continuam chegando.

É o trabalhador braçal, a mão de obra não especializada que ajuda a construir a metrópole, alheio e distante de seu sofrimento. Favelados esquecidos pela história, através dos séculos de opressão e maus tratos.

Julieta Bertazzi
Assistente Social

Sobre o valor moral do Trabalho

"O trabalho é essência humana materializada." Não conheço o autor da frase - citada pela minha professora de Filosofia durante a época da universidade - esqueci a aula, mas ficou a frase.

Quando comecei a trabalhar na favela, como era natural fiquei chocada com a miséria á minha volta. Aos poucos, fui sentindo que havia algo mais profundo para além dessa absurda visão: a miséria interiorizada nas pessoas. A confusão, o caos de fora, vielas estreitas e improvisadas, precariamente,- apenas com a necessidade e a fantasia dos moradores,- transitáveis em dias de sol e escorregadias em dias de chuva. A ausência de esgoto, a sujeira e o mau cheiro, testemunhos cruéis da injusta divisão do poder material no mundo. Se olharmos de um determinado ponto de vista, admiramos a coragem e a imaginação dos pobres, capazes de sobreviver nesses barracos que se erguem de um chão impossível, construídos sobre um morro sem a menor segurança, sem nenhuma estrutura que possa garantir suas vidas. Mas, por outro lado, é fácil perceber como as condições desfavoráveis de existência podem tirar do homem a capacidade de reagir e de buscar alternativas de luta. Sinto nas pessoas que vivem nessas condições de o mesmo abandono e o mesmo desamparo que sinto quando olho para a favela. É realmente muito difícil para alguém que veio da roça morar numa cidade grande, e em situação tão desesperada, conseguir reunir forças para lutar por alguma coisa que não seja a simples sobrevivência. Mas o ser humano é mais do que isso- e quando a gente se identifica com esses homens e mulheres, fica ainda mais nítida a compreensão de que neles o sentido da vida é tão forte quanto nas pessoas que tiveram a chance de organizarem a sua consciência e os seus sentimentos. Percebia como, em meio a tudo isso, brotava a alegria e a tristeza, a desolação e a esperança: "O sentir das gentes."

Pensava que deveria, então, continuar a promover os mutirões que sempre mais ou menos espaçados, eram feitos na favela. Nos reuníamos para discutir os problemas e organizar os trabalhos. Durante as reuniões, os pedreiros, os ajudantes da construção civil e os operários se interessavam e se animavam como meninos em dias de festa, dando opiniões, discutindo preços de materiais e horários de começar. Nos domingos, o trabalho deixava de ser a atividade pesada e desagradável dos dias de semana, para se transformar na oportunidade de realizar. Assim, pude ver e sentir o brilho nos olhos do Formigão, no momento em que terminamos de construir a escada de cimento que dá acesso ao seu barracinho. Chovia muito, os homens estavam com os pés e as mãos irreconhecíveis de cimento e terra. Mas os olhos eram limpos como água de cachoeira.

Daí lembrei da frase inicial. É isso, o homem precisa realizar, e nessa necessidade está compreendido o desejo de melhorar. O objetivo comum, a alegria de estar inteiro, junto com o

outro. O que existe de mais verdadeiro em cada um de nós e faz finalmente de nós seres humanos. É portanto a luta que promove a vida - e são as emoções que a fazem movimentar-se, tornar-se fluída. Podemos imaginar que a base material satisfatória e o crescimento interior caminham juntos.

Quando recebemos a doação em dinheiro e pensamos em criar uma Frente de Trabalho para os desempregados, não foi somente querendo resolver a fome das pessoas, nem mesmo tornar a favela mais bonita, menos perigosa. Além da saúde e da beleza, tão necessárias, queremos também dar oportunidade para que as pessoas se fortaleçam como indivíduos e como grupos. Isso só é possível quando a conduta de trabalho não privilegia tarefas e favorece o assumir das responsabilidades. Não existe controle, mas solidariedade, ninguém vigia, todos participam.

Em toda relação de poder prevalece a desconfiança como eixo que desencadeia preconceitos em cuja esteira nasce a mentira, como forma de defesa que o mais fraco cria para manter o vínculo da necessidade. Por exemplo, é muito comum as mulheres da favela que trabalham em casa de família omitirem o fato de serem faveladas. "Se falo onde moro, não consigo emprego. Se perguntam, eu minto." Assim vai se formando a "casca" do vagabundo, do mentiroso, do bandido, do desvalido. Para arrebentar a casca e deixar florescer a verdadeira identidade do oprimido é preciso desmistificar o "coitadinho" e o "marginal." Quando chegamos desarmados diante de um outro ser humano, se dá o encontro, a troca, e então crescemos.

A Questão Social

Olhando Ao redor de nós vemos como a miséria material e espiritual, a injustiça, a exploração, o assassinato a violência e as guerras se alastram cada vez mais pelo mundo. Isto poderia nos deixar cair em desespero, sem vontade de viver, se não houvesse no meio desse caos social ecológico e humano uns germes de algo novo querendo se desenvolver.

Alguém que sente em si perguntas a respeito dessa realidade e talvez queira contribuir para melhorá-la, se vê em frente da seguinte questão: Qual é a origem de toda esta miséria?

Ai tem duas teorias: uma é que a origem de todos os problemas sociais se encontra dentro da natureza humana, que dentro da alma humana nasce o bom tanto quanto nasce o mal. A outra teoria fala que a miséria é consequência do meio ambiente em que vivemos e que condiciona nosso pensar, sentir e agir. A primeira conseqüentemente, vê a solução na mudança interior do ser humano, num crescimento interior que por sua vez influi na vida exterior da sociedade. A segunda vê a solução dos problemas na mudança da sociedade, do sistema, das leis que por sua vez influi na natureza humana. O primeiro é um caminho lento, de educação de cada ser humano, um caminho interior de crescimento e conscientização, de cada ser humano, um caminho de crescimento e conscientização, de ser humano para ser humano. O segundo é um caminho talvez mais rápido, mais radical e que tem, muitas vezes, como meio a revolução.

Não há dúvida que as condições exteriores da vida, e o ambiente psíquico em que vivemos formam o modo de pensar, de sentir e de agir de cada ser humano. Isso se percebe na favela talvez de uma maneira mais drástica, mas é válido para qualquer camada social, qualquer sociedade, qualquer país. Existe uma diferença grande entre alguém que nunca teve que se preocupar para ter seu prato de comida na mesa com alguém que tem que catar os restos de comida, frutas e verduras no fim da feira. Ou alguém que na infância teve a sorte de crescer em um ambiente que transmitisse segurança tanto material como anímica, em comparação com uma criança que talvez tenha que esperar o dia inteiro pela mãe que a trancou no barraco enquanto ela foi trabalhar. O sentimento para com a vida e a segurança interior se desenvolvem totalmente diferentes. Sem falar dos efeitos da nutrição e do brincar sobre o

desenvolvimento dos órgãos e principalmente do cérebro que, por sua vez, será a base do desenvolvimento intelectual da criança.

No entanto, se observarmos melhor perceberemos que o homem não é só condicionado pelas condições exteriores. Poderemos observar que, por exemplo, dentro da mesma família as crianças podem se desenvolver totalmente diferentes, na sua vida de escola, na profissão, na sua vida moral, etc. Além das condições exteriores formadoras da personalidade, cada ser humano abriga dentro de si uma individualidade espiritual que procura seu caminho pessoal, se esbarrando contra os obstáculos exteriores e interiores, mas que está procurando - com mais ou menos ímpeto - realizar-se na vida, e malgrado as condições exteriores, a individualidade espiritual de cada um existe e pode se sobrepor às influências do ambiente.

Somando-se a esta observação o fato de que qualquer sistema, instituição ou meio ambiente são feitos por homens, pode - se chegar à conclusão de que a transformação do caos social, ecológico e humano, num mundo mais equilibrado, se realizará através de um esforço de cada ser humano: a mudança exterior se fará através de um caminho interior. Mas não há dúvida de que essa mudança interior será facilitada ou dificultada, pelas circunstâncias exteriores. Existe uma correlação, mas não uma dependência total: o indivíduo atua através das suas faculdades dentro da sociedade, modela-a conforme seus conceitos e sua imagem. A sociedade atua através da sua forma no indivíduo. Conseqüentemente temos que procurar formas de sociedades, formas de convívio e de trabalho que deixam aflorar as forças construtivas do homem, e neutralizem o máximo possível as suas forças destrutivas. Dessa forma, R. Steiner tentou elaborar nas idéias da trimembração do organismo social.

* * *

Como os fenômenos exteriores da sociedade se relacionam com qualidades interiores do ser humano?

Para entender isto melhor teríamos que nos aprofundar numa análise da origem de vários fenômenos existentes no mundo.

A favela por exemplo, é o resultado da expansão do sistema capitalista para o "Terceiro Mundo". E com isso, inclusive, chegou ao seu ponto de expansão final. O sistema capitalista baseia-se na teoria de que, na medida em que aumenta a eficiência do processo de produção, mais e mais mercadorias são colocadas ao alcance de um número crescente de pessoas e que os trabalhadores participariam da riqueza gerada pela produção. Adam Smith o filósofo idealizador do capitalismo liberal, disse: na medida em que cada indivíduo procurar seu bem estar próprio, aumentará o bem-estar social. O capitalismo portanto, baseia-se na vontade do indivíduo de construir seu bem estar á custa do outro. Esta qualidade do ser humano por sua vez, não se restringe ao sistema capitalista, nem só aos ricos, nem só ao "Primeiro mundo". É uma qualidade que observamos também por exemplo na favela. Uma qualidade que todos nós, em maior ou menor escala, sentimos dentro de nós.

Podemos então afirmar que o sistema capitalista e tudo aquilo que ele acarreta, como a dívida externa, o desemprego mundial, a inflação, tem sua raiz no instinto anti-social que cria a exploração do homem pelo homem.

Existe um outro tipo de miséria que tem a ver com divisão do mundo em blocos (Estados Unidos e URSS por exemplo), com a concentração do poder na mão do estado, ou de uma minoria privilegiada, de uma companhia de seguro, ou de certos bancos e meios financeiros. Esses fenômenos de concentração do poder baseiam-se na vontade do homem em mandar.

Esse instinto de poder, encontra seu apoio no lado da vítima, na falta de auto-confiança, no medo.

O terceiro campo de miséria é constituído pela influência de ideologias (marxismo, o american way of life, igrejas ou religiões dogmáticas), de meios de comunicações tendenciosas como a tv ou de músicas de conteúdo duvidoso.

O que esta por trás disso? É a vontade de se impor a sua própria opinião sem respeitar a do outro, de "fazer a cabeça" do outro. Essa vontade se apóia do lado da vítima, na incapacidade (por falta de educação apropriada) de desenvolver em si um juízo próprio, em acreditar nas suas faculdades intelectuais, sociais e manuais, ou na falta de vontade de pensar por si próprio (preguiça mental). É evidente que essa fraqueza não existe só fora de nós mas também se apodera de nossa alma.

Resumindo poderia-se dizer:

1. Favelas, dívida externa, inflação, desemprego tem sua raiz no capitalismo que, por sua vez, se apoia na vontade inerente ao ser humano de explorar outro ser humano.
 2. Criação de blocos de países, poder de Estado, de bancos etc. Baseiam-se na concentração do poder por alguns e na falta de auto-confiança de outros.
 3. Ideologias, TV, dogmas, preconceitos, etc., tecem sua raiz na vontade de impôr sua maneira de pensar, de um lado, e do outro, na falta de um juízo próprio.
- O primeiro item tem a ver com a vida econômica; suprir as necessidades do ser humano.
 - O segundo com a vida do direito, da política e do relacionamento dentro de um grupo.
 - O terceiro tem a ver com a vida espiritual, ou seja, cultural e educacional e tudo o que diz respeito ao desenvolvimento do ser humano.

Essas três perversões - exploração, poder e manipulação - são três expressões da mesma qualidade da alma humana, o egoísmo.

* * *

Se o egoísmo estiver na base da miséria humana então o remédio para isso será o seu contrário: Amor, amor consciente, um respeito e um interesse profundo para a individualidade, uma individualidade que está em constante desenvolvimento.

Isso não pode ser mero sentimento, mas uma atividade anímica que acompanhamos com nossa consciência, nosso sentir e nosso atuar. Podemos fazer um exercício simples para treinar essa

qualidade; aqui tem um tijolo; agora pensemos em todos os homens, de uma maneira ou de outra, que tiveram ligações com esse tijolo - as famílias, inclusive crianças, que o produziram na olaria, as pessoas que cortaram a lenha para o forno (e talvez não replantaram outras árvores para o futuro) o dono da olaria, o caminhoneiro, os pedreiros, etc., sempre pensando nas condições concretas de trabalho e de vida dessas pessoas e nas suas inter-relações.

Em uma descrição minuciosa das pessoas relacionadas com o tijolo podemos distinguir mais uma vez os fenômenos acima citados: a fabricação está relacionada com a exploração da força de trabalho, no sentido de não suprir as necessidades materiais e espirituais dos trabalhadores. A relação humana entre os trabalhadores e patrão baseia-se no poder.

Tentativas novas na Vida Econômica, Política-Jurídica e Cultural

Do mesmo modo como o egoísmo tem suas nuances - a exploração, a vontade do poder e a manipulação - o amor e o respeito e interesse profundo pelo indivíduo também o tem.

FRATERNIDADE

O capitalismo baseia-se na exploração do homem pelo homem. Uma vida econômica sadia baseia-se na fraternidade.

Uma vida econômica fraterna tem por objetivo suprir as necessidades materiais, psíquicas e espirituais de todos os que nela trabalham e não só do mais forte. Isto também quer dizer que um ser humano supre a necessidade do outro. Pode parecer ilusório mas, de uma maneira deturpada, isto já acontece mundialmente: ninguém na economia moderna vive daquilo que ele mesmo produz, mas sempre daquilo que o outro produz, muitas vezes em países distantes Cooperativas auto-geridas, associações entre consumidores e produtores, etc. São tentativas em direção a uma economia fraterna.

R. Steiner formulou a lei social principal da seguinte maneira: "O bem estar de um todo formado por pessoas que trabalham em conjunto é tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho, ou seja, quanto mais ele ceder estes resultados a seus colaboradores e quanto mais suas necessidades forem satisfeitas, não por seu próprio trabalho mas pelo dos outros."

Não é suficiente aplicar esta leis apenas do ponto de vista moral mas uma comunidade de trabalho deve criar instituições e formas nas quais ninguém possa reivindicar, para si, os frutos do próprio trabalho. Isso significa, por exemplo, que trabalhar para o próximo e ter um determinado salário sejam coisas totalmente separadas uma da outra.

A respeito da propriedade de terra R. Steiner propõe a neutralização da terra. A terra não pode pertencer a ninguém.

Se a terra se torna uma mercadoria, ela gera injustiça. Ela não foi produzida pelo homem e ninguém investiu nela, no seu estado "cru". Por isso, ela não faz parte da vida econômica que só é ligada á produção, circulação e consumo. Mas as pessoas devem ter o direito de uso, isto é, a questão da terra é uma questão jurídica e não econômica.

IGUALDADE

A vida social, jurídica e política de hoje baseia-se no poder, no germe para algo novo, ela teria que se basear no respeito a cada indivíduo. Cada ser humano é - além de um ser da natureza com necessidades físicas que se assemelhem às dos animais - um ser espiritual e com isso merece respeito igual um ao outro. Perante a Deus e perante as leis que devem garantir o "Eu" espiritual do homem, todos são iguais. Deve reinar o princípio de IGUALDADE.

LIBERDADE

No pensar, na educação, na religião e na cultura, atualmente se intrometem tanto a economia, como o Estado e a Igreja. Isso pertence a vida espiritual e cultural. Aí deverá reinar uma total liberdade: só ela libera as forças criativas de cada indivíduo, suas capacidades intelectuais, manuais, morais e sociais.

Fraternidade, igualdade e liberdade podem ainda ser os grandes ideais da nossa época, proclamados pela primeira vez na Revolução Francesa. Essas idéias colocadas no seu devido lugar, dentro da sociedade, podem ser o germe para uma sociedade mais equilibrada e humana:

- a fraternidade na economia;
- a igualdade na vida social, jurídica e política;
- a liberdade na vida espiritual.

R. Steiner chama isso de trimembração do organismo social.

A liberdade na vida econômica trouxe o capitalismo, a igualdade na vida espiritual trouxe a ditadura e o nivelamento. A consequência de todas essas deformações são os fenômenos já descritos.

Como essas idéias refletem no trabalho nas favelas Monte Azul e Peinha? Aqui vão alguns aspectos:

- **FRATERNIDADE NA ECONOMIA**

Nas áreas produtivas como na marcenaria, padaria e tecelagem trabalhamos na base de uma cooperativa. O lucro é reinvestido e uma parcela vai para financiar as instituições não produtivas como o ambulatório. Quem quiser trabalhar numa empresa baseada na fraternidade deve considerar o seguinte:

- Será que meus produtos correspondem a uma necessidade real?
- Como conhecer estas necessidades?

As oficinas na Monte Azul (marcenaria, oficina elétrica, padaria, tecelagem, oficinas de bonecas, reciclagem de papel e móveis) são primeiramente oficinas de aprendizagem. Os jovens da favela são obrigados a trabalhar muito cedo para ganhar dinheiro, estas oficinas tem, então que, produzir objetos comercializáveis para que estes jovens possam ganhar um pequeno salário. Constatamos que em São Paulo há uma necessidade de brinquedos pedagógicos de madeira e bonecas de pano; além disso falta oficinas que fabriquem móveis sob encomenda. Quanto a padaria, encontramos, cada vez mais, pessoas que apreciam um pão integral e saudável.

Ainda estamos longe da trimembração social, isto é, criar associações de produtores, consumidores e vendedores. Por enquanto só temos uma lojinha onde vendemos nossos produtos e entramos em contato com os compradores, buscando adequar o que produzimos às necessidades do mercado. Os consumidores têm aqui a possibilidade de conhecer as oficinas e a situação de vida dos produtores.

A pergunta central para um vida econômica baseada na fraternidade é a seguinte: os meios de produção são administrados pela vida jurídica ou pertencem a um grupo de pessoas como propriedade particular? No caso da Associação Comunitária Monte Azul, esta questão é solucionada porque as oficinas pertencem a uma associação de utilidade pública cuja administração dos meios de produção é confiada durante um certo tempo a pessoas capacitadas.

- **IGUALDADE NA VIDA JURÍDICA E SOCIAL**

O relacionamento entre as pessoas é permeado pelo respeito ao "Eu" superior da pessoa, esse "Eu" merece respeito igual, tanto faz a "roupagem" com que ele aparece na terra. Pode aparecer como analfabeto, universitário, como marginal, como operário qualificado ou ajudante geral, como membro da classe mais privilegiada economicamente ou um favelado. Não importa raça, cor, nacionalidade, classe social ou nível cultural. Levar isso a sério tem como consequência tentar entender as pessoas e não julgá-las entender a pessoa quer dizer, num primeiro momento aceitá-la com confiança de que ela pode transmutar os aspectos negativos em forças geradoras do bem e, em um segundo momento, procurarmos ajudá-la a dar o próximo passo no seu desenvolvimento.

Numa concepção tal, as diferenças que existem entre os homens não são barreiras invencíveis que os dividem em blocos (primeiro mundo, terceiro mundo, classe dominante e proletariado, negros e brancos, etc.) num clima de ódio e incompreensão; mas são obstáculos que cada um de nós é desafiado a vencer dentro do seu âmbito. Julgar divide os homens, entender os une.

Tentamos achar em nosso trabalho formas de convívio e de atuação, baseados no princípio da igualdade: com as reuniões, os estudos, dias de alegria e estudo com todos os colaboradores e na instituição de uma semana cultural para todos e não só para intelectuais.

Aceitamos o desafio de trabalhar num pé de igualdade com pessoas de origens totalmente diferentes, tanto cultural como de formação e nacionalidades.

Um outro setor onde entra o princípio da igualdade é a elaboração do sistema salarial. Se levamos a sério que um ser humano é um ser espiritual ele não pode vender sua força de trabalho; o trabalho não tem ligação direta com o dinheiro que a pessoa precisa para viver. Ao trabalhar por uma remuneração, ela vende seu trabalho, um pedaço de si, e o empregador compra um pedaço de humanidade. É uma forma modificada de escravidão. Conseqüentemente, o trabalho tem que ser desvinculado do dinheiro necessário para viver. Na prática, isto é um grande desafio porque é totalmente o contrário daquilo que a maioria pensa. Na Monte Azul tentamos nos aproximar o máximo do salário-necessidade, sem, no entanto, ter

conseguido desvinculá-lo de critérios usados na sociedade (por exemplo, que o estudo influi na importância da remuneração).

A respeito da propriedade de terra e da moradia existem idéias de como "neutralizar" a terra. E em parte já conseguimos realizá-las. Partimos da vontade das pessoas da favela de terem um terreno para morar, sem o medo de serem despejadas pela prefeitura, e criamos uma sociedade de condomínio. Para isso compramos um terreno de aproximadamente 10.000 metros e dividimos em lotes de 250 m², com uma área comunitária e áreas para creches. Os cotistas - condôminos pagam o direito de uso, com uma soma que é aproximadamente 5 a 10 vezes mais barato do que os preços usuais. Com o retorno do dinheiro possibilitarão a compra de um novo terreno que dará direito de uso a outras pessoas que também precisam. É uma aquisição que ultrapassa o egoísmo individual, porque cria uma corrente de ajuda mútua, sem que cada um precise renunciar á melhoria de sua vida pessoal. Para ficar mais claro que os condôminos não são donos da terra, mas só donos daquilo que eles fizeram por seu próprio esforço (casa, plantação, etc.) , pensamos em devolver para o condômino, no momento de sua saída da sociedade, o valor pago pelo direito de uso. O novo usuário do terreno pagará a mesma cota para fazer parte do condomínio. Isso evitará a especulação da terra porque o seu valor será sempre o mesmo, indiferente á valorização comercial dos terrenos á sua volta.

- **A LIBERDADE NA VIDA ESPIRITUAL [CULTURAL, EDUCACIONAL]**

As potencialidades de cada um se desenvolvem quanto menos tem intervenção de fora (como por exemplo, do Estado ou de um diretor) e quanto mais a vida espiritual pode se desenvolver livremente num grupo de trabalho.

A meta principal de um trabalho é o ser humano - e não, por exemplo, interesses de classe ou a propagação de uma visão de mundo, etc.

A base do trabalho é o conhecimento do ser humano e das suas leis de desenvolvimento, de um lado, e do mundo que o rodeia, de outro lado. As idéias desenvolvidas, a partir desses conhecimentos do ser humano e do mundo, são discutidas em reuniões onde cada um contribui com sua visão parcial para, aos poucos, chegar a uma imagem completa da questão e, conseqüentemente, a uma decisão final que possibilita a atuação.

A imposição ou a manipulação podem parecer caminhos mais rápidos, mas a longo prazo não levam a nada, além de não respeitar a individualidade de cada um.

A liberdade cria o ambiente apropriado para desenvolver as capacidades do ser humano. Respeitando cada colaborador, não só como um "instrumento de trabalho" mas como um ser humano em via de desenvolvimento, proporcionamos meios para que isso possa acontecer (bolsas de estudos, ajudas biográficas, participação em encontros de jovens, congressos de educação, incentivo a fazer teatro ou música, etc.). Isso se refere á parte interna do organismo Monte Azul. No diz respeito á parte "externa", lutamos por uma educação livre, por exemplo: por creches conveniadas (enquanto cada cidadão pagar imposto, o Estado tem que dar condições as instituições de educação e de cultura para funcionarem sem, no entanto, interferir na escolha da pedagogia, medicina, etc.)

- **COMO SUPERAR O CÍRCULO VICIOSO?**

Quando se fala dos problemas sociais vemos que um problema é a conseqüência de outro. A zona rural desatendida leva os migrantes para a cidade. Aí eles tem que viver em bairros

empobrecidos onde a gestação e a infância ocorre de um modo em que a criança não pode desenvolver seu potencial e quando adolescentes foge muitas vezes na delinqüência, na prostituição, nas drogas, ou num emprego que não corresponde às suas faculdades inatas. "Casam" e tem filhos que, por sua vez, entram neste círculo vicioso. Parece que não tem saída, que tudo sempre vai girar sem jamais ter solução.

Esse pensamento é uma tentação porque desanima a fazer qualquer coisa. É o pensamento "no future" ("não há futuro"). Na hora em que nós entendemos que o mal não existe só fora, que a culpa não é só dos outros, então pegamos o "chifre do diabo" e enfrentamos os problemas lá onde estamos, dentro da nossa possibilidade de agir e com isso quebramos o círculo vicioso.

Qual é a força que nos leva a quebrar o círculo vicioso? É a coragem e a força do "Eu". Colocando essa força do "Eu" a serviço de uma mudança na sociedade ela pode agir de duas maneiras diferentes: uma que sacrifica o ser humano individual ao bem estar desejado de uma sociedade mais harmoniosa, a partir do respeito ao indivíduo (processo de evolução baseado no amor para cada individualidade).

Na análise dos fenômenos que levam a miséria ao mundo, ressaltamos que certas características interiores do ser humano sustentam o egoísmo, como por exemplo: a falta de auto-confiança, a falta de um juízo próprio, o medo etc. Por isso um trabalho de educação e de conscientização deverá ter como objetivo o de criar um "Eu" forte, que consiga vencer o medo, que chegue a um ter juízo próprio e não manipulado e que consiga desenvolver uma confiança em si próprio. Isso seria o lado positivo da egoidade, o outro lado da medalha do egoísmo.

Em alemão o círculo vicioso se chama "círculo do diabo". Nas histórias antigas o diabo é enfrentado com o sinal da cruz. Nós podemos nós mesmos ser a cruz; a força do "Eu", a consciência e a coragem nos colocam na vertical, o amor para com o outro é o traço horizontal que nos une aos seres humanos e ao mundo. Nós mesmos - colocando-nos como uma cruz no mundo e conseguimos quebrar o círculo vicioso.

Isso não é ilusão mas a vida comprova essa tese em muitos momentos: muitas e muitas pessoas na favela conseguem manter sua dignidade humana, mesmo nessas condições inumanas, e sair do círculo vicioso!

Em escala maior, o trabalho na Monte Azul também é um exemplo de como um primeiro passo de atuação se multiplica e desencadeia forças de transformação, isso se for inspirado por respeito e coragem, ou seja, por amor e pela força de um "Eu" consciente.

Vida Econômica	Vida Social, Política-Jurídica	Vida Espiritual (Educação, Cultura, etc.)
<p>Favelas, Dívida Externa, Desemprego, Inflação, etc.</p> <p>capitalismo</p> <p>Ou seja, exploração da força de trabalho do ser humano, "vender um pedaço de si".</p>	<p>Concentração de bancos, companhias de seguros, blocos de países, problema de minorias.</p> <p>poder</p> <p>"Eu mando porque sou mais forte".</p> <p>EGOÍSMO</p>	<p>Guerras ideológicas, dogmas, TV, preconceitos, etc.</p> <p>manipulação</p> <p>"Fazer a cabeça".</p>
<p>Fraternidade</p> <p>Cooperativas, empresas auto-geridas.</p>	<p>AMOR CONSCIENTE</p> <p>Igualdade</p> <p>Estado (ou instituição) cuja tarefa é garantir os direitos humanos.</p>	<p>Liberdade</p> <p>Entidades culturais educacionais, livres da intervenção do estado e da economia, auto administrador.</p>

- **ANTROPOSOFIA E FAVELA**

Antroposofia e favela: parece absurdo juntar duas palavras tão diferentes. Antroposofia suscita algo luminoso, espiritual. Favela suscita miséria, sujeira. Doença e até criminalidade.

Antroposofia é a sabedoria do Homem. O homem é a ponte que liga o mundo espiritual com o mundo da terra. A tarefa da antroposofia é possibilitar ao homem entender melhor De onde ele vem, onde ele está, como se situa dentro da evolução humana e no seu próprio país e para

onde ele vai. É claro que um favelado é um ser humano como todos nós, uma alma que passou por várias encarnações e agora encarnou aqui no Brasil, dentro de uma favela.

Mesmo na pessoa mais maltratada pela vida, brilha, talvez muito escondido, um ser espiritual, um "Eu" superior. Este "Eu" agora entra em contato com a terra, com a favela. Para o "Eu" isso representa um enorme desafio: será que serei capaz de enfrentar esta mundo tão hostil? Imaginemos uma criança dentro do ventre da mãe: deseja conhecer o mundo, ser bem recebida.

Mas o que acontece com a maioria das crianças? Ela sofre uma grande decepção. O mundo é muito hostil: água contaminada, fraldas de trapo, barulho, frio, desidratação, disenteria, etc. A única coisa que pode salvá-la desta miséria é o amor pelo pai, da mãe dos irmãos. A falta de beleza, a falta de silêncio, a falta de comida adequada impedem que nela se desenvolvam inteligência e força de vontade. É uma luta diária para preservar a lembrança do mundo espiritual. A vida da criança se torna uma luta contra os obstáculos que querem impedi-la de conservar sua dignidade humana. Algumas pessoas sucumbem no meio do caminho, podemos ver trapos de homens nos bares, nos botecos e nas mesas de bilhar. Outras pessoas - e são muitas - conseguem encontrar sua identidade superando as dificuldades, malgrado o peso da vida.

Dentro da realidade brasileira, quando falamos de antroposofia precisamos lembrar que temos 150 milhões de pessoas, isto é 150 milhões de almas que escolheram o Brasil para conhecer o mundo.

A maioria vai conhecer a fome, o desemprego, a falta de recursos econômicos, o vazio cultural, a falta de moradia descente, a perda das raízes culturais, o intelectualismo que se esconde atrás de palavras incompreensíveis, etc. O que fazer? E - o mais importante - com que espírito temos de fazer algo?

- **FRATERNIDADE**

Numa palestra proferida no fim da primeira guerra mundial, intitulada "QUAL É A ATIVIDADE DO ANJO EM NOSSO CORPO ASTRAL?" Rudolf Steiner disse que os anjos implantam no nosso corpo astral imagens das tarefas que teriam que ser assumidas em nossa época. Uma dessas imagens é a seguinte:

"NINGUÉM DEVE, NO FUTURO, CONSTRUIR TRANQUILAMENTE A PRÓPRIA FELICIDADE SE OUTROS, AO SEU LADO, ESTIVEREM INFELIZES." Isso quer dizer que ninguém ao nosso lado deve passar fome sem que a gente procure um meio de saciar a fome. Ninguém deve sofrer a impossibilidade de desenvolver suas faculdades espirituais, manuais e intelectuais. Ninguém deve se sentir na solidão sem que a gente procure ajudar este ser humano. Em todos os lugares deve reinar o impulso da fraternidade. Tentamos fazer isto na Monte Azul.

As favelas Monte Azul e Peinha têm aproximadamente, 6.000 moradores. As condições materiais são muito precárias.

Para poder viver conforme a dignidade humana os seres humanos (com raras exceções) precisam que sejam supridas as suas necessidades físicas mínimas. No campo, a natureza ajuda muito a criar esse mínimo de base material. Assim, os índios, por exemplo, conseguem viver com aquilo que a natureza lhes oferece. Porém uma casa feita de palha e sapé e um fogão a lenha - dentro de uma cidade - não é o adequado.

Na favela a natureza não fornece quase nada, o homem tem que criar o ambiente. Isso é feito praticamente com o lixo da cidade e ainda, normalmente, se precisa de dinheiro. Construir e mobilizar sua moradia, fazer um esgoto, pavimentar as vielas, ter água e, se possível, luz elétrica são os desejos mais prementes de qualquer morador de favela. Durante os anos de trabalho tanto na favela Monte Azul como na Peinha conseguimos, junto com os moradores, melhorar a sua infra-estrutura: foram feitos mutirões para fazer pontes em cima do córrego, muros de arrimo, escadarias e vielas cimentadas. Os moradores se reuniram também para reivindicar água e luz nos órgãos públicos. Aos poucos as favelas começaram a se parecerem com lugares de "gente". Isto desperta, cada vez mais, o impulso de auto-ajuda adormecido nas pessoas. Foi impressionante ver como os moradores se animaram a construir suas casinhas de bloco aproveitando do dinheiro do 13º, das férias e das horas extras.

No sentido de cuidar da parte física do homem foi criada uma lojinha que possibilita às pessoas comprarem roupas usadas a baixo custo. A renda é passada para o plantão social que concede empréstimos sem juros em caso de emergência.

Além disso, surgiu em 1979 a idéia de fazer um ambulatório que foi construído em mutirão pelos pais da favela. Atualmente funciona com 6 médicos voluntários e efetivos, 3 enfermeiras, 1 parteira e 1 copeira, prestando serviços de cura e prevenção como por exemplo: planejamento familiar, orientação sexual, campanha da aids, campanha de lixo seletivo, etc. A medicina baseia-se na medicina antroposófica.

São desenvolvidas várias terapias para as crianças excepcionais e para aquelas com dificuldades específicas. Por exemplo: terapia artística e quirofonética.

Mas o homem não vive só de pão. A fome tem seu lado físico porém o alimento anímico espiritual é tão necessário quanto o material para o ser humano ser verdadeiramente homem.

Por isso, desde o começo do trabalho da Associação, as atividades pedagógicas - educacionais foram as metas mais importantes da favela; o educacional, no sentido mais amplo de formação integral do indivíduo, não no sentido restrito de formar profissionais que se enquadram sem problemas no sistema de produção.

Temos creches com berçários, jardins de infância e um pré (aproximadamente 200 crianças). Partindo da natureza da criança, nesses primeiros anos da sua vida, é dada grande importância ao brincar criativo, desenvolvendo a fantasia e a força de vontade por exemplo: modelagem com massinha de cera que desenvolve a habilidade dos dedos, pintura com aquarela e trabalho de argila. Todos os dias é feita uma roda, onde se dá muita atenção aos gestos e movimentos. Os temas das rodas giram em torno do ser humano e das suas atividades, ou em torno da natureza e das festas religiosas.

A decoração da sala, as histórias, os contos e as rodas alimentam o espiritual na criança e lhe conferem confiança no mundo e em si próprio.

Esse trabalho é complementado no pré-primário, onde se iniciam os desenhos de formas e se desenvolve a geografia corpórea - exercícios preliminares para a alfabetização no primeiro ano.

Depois do pré-primário as crianças são matriculadas na escola oficial e podem participar das atividades do centro da juventude. Ai são atendidas aproximadamente 300 crianças que, além de desenhar, cantar, fazer trabalhos manuais, teatro e esportes, recebem um lanche reforçado todos os dias.

A partir de 12 anos as crianças e adolescentes podem escolher uma oficina de aprendizagem (marcenaria, tecelagem ou padaria). Existe também um curso de costura e trabalhos manuais para adultos, além de um curso noturno de alfabetização e primeiro grau, aulas de ginástica, teatro e dança para adolescente e adultos.

Para despertar as crianças, os adolescentes e os adultos para o mundo, são feitas excursões e dias de estudos numa chácara próxima á favela.

- **IGUALDADE**

A segunda imagem implantada no corpo astral visa a que cada indivíduo futuramente veja: "EM QUALQUER OUTRO SER HUMANO, ALGO DE DIVINO. O ENCONTRO DE UM HOMEM COM QUALQUER OUTRO HOMEM IRÁ CONSTITUIR, POR SI SÓ, UM ATO DE RELIGIÃO!" (R. Steiner)

Essa frase tem que, aos poucos, tornar-se prática de vida senão fica mera frase. Para nós na Monte Azul essa atitude gera o espírito e se consegue trabalhar na favela em pé de igualdade. Desta relação de um ser humano com o outro - constituindo quase um sacramento - nascerá uma sociedade nova não mais baseada em castas, classes ou outras divisões.

Tentamos abrir barreiras e construir pontes: pontes entre o primeiro e o terceiro mundo, entre instalações antroposóficas e instalações não antroposóficas, entre universitários e pessoas que aprenderam na escola da vida, entre trabalhadores braçais e intelectuais, etc.

Concretamente, isto quer dizer que o jardim de infância, as creches e os grupos de complementação escolar estão em mãos de jovens e mães que passaram sua infância na favela e, muitas vezes ainda moram lá. São elas que desenvolvem o trabalho com orientação de pedagogia Waldorf.

Outro exemplo de igualdade nas relações humanas são nossas reuniões. Tentamos reunir todos, todos mesmos, tanto cozinheiros e motoristas, como médicos, monitores, assistentes sociais e professores... Todos juntos formamos aquilo que é o coração da Monte Azul.

Nossa meta sempre foi construir pontes entre camadas sociais - entre países e culturas diferentes. Foi assim que começou o nosso trabalho na favela com a participação de alunos de uma escola de alto nível socioeconômico. Essa tarefa continua: temos voluntários da Holanda, da Suíça, da Alemanha, da Áustria, Dinamarca, Japão e Estados Unidos que aqui trabalham para ensinar e aprender.

Uma sociedade nova não se constrói com separações em classe, em nacionalidades ou em religiões. Ela tem sua base no SER HUMANO. O alicerce dessa nova sociedade é um interesse profundo por este ser humano.

Existe ainda uma terceira imagem implantada em nosso corpo astral: "OS HOMENS DEVEM ADQUIRIR A CAPACIDADE DE ALCANÇAR O ESPÍRITO - ATRAVÉS DO PENSAR." (R. Steiner).

Vivemos a era da alma da consciência e, por isso, os homens precisam adquirir, pouco a pouco, uma clara compreensão dos fatos que regem o mundo.

Esta talvez seja a parte mais difícil de realizar dentro da favela. Aqui vivem pessoas que saíram do seu ambiente natural, do campo, onde viviam dentro de tradições. Tradição é algo que é passado de pai para filho. É inconsciente. Chegando a cidade elas são acordadas, tem que acordar, caso contrário não sobrevivem. Vivendo na cidade, pelo menos quanto á parte exterior da vida- tem que ficar acordado, mais consciente. Mas culturalmente a maioria chega a estaca zero. Cai em um vazio cultural onde é esquecida a raiz original, por exemplo, a medicina popular e a religião, sem no entanto ter alcançado uma cultura nova.

Se convivemos em igualdade com as pessoas da favela - isto é, com respeito total para com a atitude de alguém que dá, mas também que recebe - então vemos que, aos poucos, este vazio cultural se preenche de novo. Primeiro pela imitação. Por exemplo, as mães de creche aprendem a cuidar das crianças imitando aquilo que a professora Waldorf esta fazendo. Depois essa fase da imitação é superada e se transforma numa compreensão, cada vez mais consciente, da pedagogia. Surgem perguntas e idéias próprias. Precisamos ter fé no poder de desenvolvimento de cada ser humano e paciência para deixar desabrochar as sementes. Seria errado supor que nossas monitoras e mães de creche são antropósocas. Mas podemos ver como pessoas, ligadas à antroposofia, podem atuar como fermento para que desabroche algo de novo dentro de uma sociedade desestruturada.

São essas três imagens que foram implantadas em nosso corpo astral. É nossa tarefa transformá-las em força de vontade e realidade de vida.

Concluindo podemos dizer que a ciência espiritual nos propicia uma visão mais ampla do mundo e do homem e, portanto, nos ajuda a atuar com mais eficiência e profundidade.

Ute Craemer - 1989

Edições Monte Azul
Associação Comunitária Monte Azul
Av. Tomás de Souza, 552
CEP: 05836-350 - São Paulo – SP
Contatos: 5853-8080 / Loja: 5852-3036

